

Filosofia como exercício do pensamento em Kierkegaard: apontamentos sobre o fazer e ensinar filosofia

Philosophy as an exercise of thought in Kierkegaard: notes about doing and teaching philosophy

Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva
Universidade Estadual Rio Grande do Norte

RESUMO: Este artigo procura pensar a caracterização da filosofia como exercício do pensamento em Kierkegaard. Existem dois modos de pensar: o erudito, e o filosófico. A “clareza” da erudição fundamenta-se numa obscuridade. Apenas o pensar filosófico, aquele que pensa um único pensamento, é que adquire transparência. A partir dessa ideia da filosofia decorre alguns apontamentos sobre o fazer e o ensinar filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: PENSAMENTO; PENSAR ERUDITO; PENSAR FILOSÓFICO; TRANSPARÊNCIA; ENSINAR FILOSOFIA.

ABSTRACT: This article seeks to think about the characterization of philosophy as an exercise of thought in Kierkegaard. There are two ways of thinking: the erudite and the philosophical. The "clarity" of erudition it is grounded in obscurity. Only the philosophical thinking, the one who thinks in a single thought, acquires transparency. From this idea of philosophy derives some notes about doing and teaching philosophy.

KEY-WORDS: EXERCISE OF THOUGHT; ERUDITE THINKING; PHILOSOPHICAL THINKING; TRANSPARENCY; TEACH PHILOSOPHY.

Para o mestre e amigo Gilvan Fogel que, antes de Kierkegaard, ensinou-me, através de seus textos, a filosofia como exercício do pensamento.

Para o amigo Eduardo da Silveira Campos, companheiro de leitura de Kierkegaard no pensar um único pensamento.

“Non multa, sedmultum”

I

Procuramos pensar com Kierkegaard a exigência da filosofia como exercício do pensamento. É preciso, pois, explicar a

caracterização da filosofia enquanto e como exercício do pensamento, quer dizer, necessitamos evidenciar, clarificar que a filosofia, em Kierkegaard, só acontece na exigência de ser e tornar-se um exercício do pensamento. Um pensamento que não se ocupe com isso, não tendo nisso sua razão de ser, por mais erudito que seja em relação a conhecimentos informativos *sobre* filosofia, não é um pensamento *de* filosofia. Estabelece outro movimento, assume outra dinâmica em sua ambição poliglota-filológica-científica para tratar do problema, mas justamente no problema nunca se entra. Fica, porém, dando voltas com ar de quem está imerso na questão e a modo de papagaio repete a fala dos filósofos sem compreender a profundidade do que é dito porque não está fundido com o pro-fundo da questão. Não obstante toda sua bagagem informativa, permanece sempre à margem, na superfície e periferia do pensamento. É afeito ao rápido, ao ligeiro, às muitas coisas que pode descobrir, detestando a lentidão, a repetição, a meditação vagarosa de uma única questão.

Bergson com muita clarividência distingue um pensamento metafísico, filosófico, das ciências positivas. Filosofia não é uma ciência positiva. Logo, seu modo de proceder em seu estudo e ensino deve obedecer a sua própria essência e não a essência do científico que lhe é accidental. Bergson afirma que é próprio das ciências positivas o “dar voltas”, “ficar arrodando” e nunca entrar na coisa. A filosofia como metafísica, quer dizer, enquanto um pensamento que não é científico, é próprio o entrar na coisa e permanecer nela.

Se compararmos entre si as definições da metafísica e as concepções do absoluto [a história da filosofia], percebemos que os filósofos, **a despeito de suas aparentes divergências, concordam em distinguir duas maneiras profundamente diferentes de conhecer uma coisa.** A primeira consiste que se dêem voltas ao redor dessa coisa; a segunda, que se entre nela [...] Do primeiro conhecimento diremos que se detém no *relativo*; do segundo [o filosófico ou metafísico!], ali onde ele é possível, que atinge o *absoluto*. (BERGSON, 2006, p. 183-184, grifo nosso, itálico do autor)

Nessa passagem constatamos que Bergson também, como todo grande filósofo, pensa a filosofia como exercício do pensamento. A filosofia é um saber que atinge o absoluto. O absoluto não está fora,

mas dentro enquanto verdade da coisa. Não é possível capturá-lo, melhor, percebê-lo, intuí-lo num saber epidérmico, horizontal, informativo, erudito. O absoluto se dá na intuição. Quando o filósofo intui ele utilizará da linguagem para produzir conceitos que tentem explicitar o que foi intuído, quer dizer, a verdade do real. O mais fundamental, pois, não são os conceitos, definições, mas é a intuição que possibilita o forjar conceitos, definições. Com efeito, conceitos sem referência à intuição são meras definições, verbetes que na exigência do conhecimento filosófico enquanto exercício do pensamento só dão a impressão que se está na filosofia, que dela se compreende, quando, na verdade, nos coloca fora dela. Na terminologia de Bergson é dito que o absoluto só pode se dar na intuição e jamais pela análise. A análise é procedimento das ciências positivas: “Analisar consiste portanto em exprimir uma coisa em função daquilo que não é ela” (BERGSON, 2006, p. 187). Nesse sentido a história da filosofia é a história do exercício do pensamento e não história das ideias, quer dizer, mesmo que cada filósofo tenha seus sistemas e conceitos aparentemente divergentes a divergência é abolida ou é relativizada quando se pensa que existe uma unidade na divergência, a saber: todos estão tentando atingir o absoluto, a verdade do real. O “filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição” (BERGSON, 2006, p. 207). Filosofia não é saber informações sobre este ou aquele filósofo, mas é possuir a *intuição* que possibilitou este ou aquele filósofo pensar o que pensou, escrever o que escreveu.

O que está em questão não é só o *fazer* filosofia, mas também o *ensinar* filosofia. Da atitude de procurar fazer filosofia desde o exercício do pensamento decorre um ensinar filosofia como exercício do pensamento. Nessa postura, o *fazer* e o *ensinar* filosofia segue o movimento da coisa ela mesma, quer dizer, o exercício, a tarefa, o esforço de pensar o pensamento que foi pensado e escrito na e pela tradição filosófica. Outro movimento segue a erudição em seu *fazer* e *ensinar* filosofia. Não pro-move no outro o exercício, a tarefa, o esforço porque pressupõe que o acesso à filosofia se dá mediante dados, informações. Não precisaria pensar o pensamento, mas apenas “saber” o que foi pensado. Filosofia, sem exercício do pensamento, quer dizer, sem o filosofar, vira doutrina, disciplina, um saber do tipo científico. Fazer ou ensinar “filosofia” seria buscar e fornecer os esquemas, as sínteses, os conceitos enquanto definições, verbetes, a

contextualização histórico-cultural, a vida e obra do filósofo que será estudado etc. “Fazer” e “ensinar” “filosofia” seria olhar para a história da filosofia como história das ideias, como historiador e não filósofo. Nessa perspectiva decadente o máximo, o *plus*, seria quem a modo de enciclopédia ou de *google* compendiasse toda informação no máximo da extensão e na maior rapidez para informar ou vomitar. Mas justamente esse máximo é o mínimo quando colocado na exigência do conhecimento filosófico. A história da filosofia não é história das ideias. Ela é antes vinculada à vida, à existência no sentido de que todos os filósofos, de todas as épocas, de todas as áreas da filosofia se ocupam da mesma questão, da mesma ideia. A história da filosofia é, pois, a matéria-prima para podermos exercitarmos na filosofia no sentido de exigir o exercício de acompanharmos reflexivamente como cada filósofo pensa um único pensamento¹.

Nesse sentido toda obra verdadeiramente filosófica é uma introdução à filosofia porque nela aparece e transparece, necessariamente, o exercício filosófico do filósofo em explicar a verdade do real. Por isso, nela, na obra, no exercício filosófico do conceito em explicar a realidade, aparece necessariamente a “disputa amorosa” (HEIDEGGER, 2008a, p. 349) entre os pensadores pela coisa mesma do pensamento uma vez que todos visam (intuem!) a mesma questão.

Como isso que foi dito, descrito, aparece no pensamento de Kierkegaard? Como podemos clarificar e explicitar melhor isso que designamos, a saber, a caracterização da filosofia como exercício do pensamento? Trazer Bergson e Heidegger para o diálogo filosófico não foi um desvio, um claudicar da questão? Não se promete no título que a questão tratada será em Kierkegaard? Fazer Bergson e Heidegger falar sobre a questão que aparece em Kierkegaard não é desvio, mas precisamente um encaminhar-se para dentro da questão. Poderíamos trazer qualquer outro filósofo porque nosso pressuposto é que todo filósofo ao fazer filosofia faz isso e aponta para isso, quer

¹ O fazer e o conseqüente ensinar filosofia toma não a historiografia (história das ideias) como primazia, mas a partir dos *problemas filosóficos* se busca pensar o que foi pensado, ou o impensado no pensado em toda a história da filosofia. Os problemas filosóficos registrados e trabalhados pelos textos filosóficos na história da filosofia são o conteúdo, o pensar um único pensamento, do fazer e ensinar filosofia. Sem penetrar nessa assimilação e compreensão profunda do que deve ser pensado como único pensamento a filosofia se desfigura em cultura geral ou qualquer outra designação.

dizer, para a filosofia como exercício do pensamento. Como, então, estudar ou ensinar filosofia sem possuir a mesma *tonalidade afetiva* (*Stemninger; Stimmung*), ou na linguagem de Bergson, sem conduzir o estudo ou ensino da filosofia para a *intuição* concentrando-se, entretanto, nos conceitos sem a referência radical à intuição sem o qual os conceitos não existiriam? Tem razão Wittgenstein ao afirmar que: “A filosofia **não é ciência** da natureza. (A palavra "filosofia" deve denotar alguma coisa que se coloca acima ou abaixo mas não ao lado das ciências naturais.) [...] A filosofia **não é teoria** mas atividade” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 76, 4.111, grifo nosso). Mas porque é tão comum insistir e persistir num modo de fazer e ensinar filosofia que privilegia a erudição, a doutrina, a teoria, os conceitos, as definições, o falar sobre vida e obra do filósofo, desvinculando, assim, da experiência do pensamento, do filosofar que move o pensamento através dos conceitos?

II

Em *As obras do amor*, de 1847, Kierkegaard escreve:

Uma coisa é pensar de tal maneira que a atenção constantemente se volte apenas para o exterior em direção ao objeto, que é algo de externo; uma outra coisa é estar voltado de tal maneira para o pensar que, constantemente, **a cada instante**, se tome consciência de si, consciência de seu estado sob o pensamento ou **do que se passa em si nesse exercício do pensamento. Mas só este último é essencialmente pensar, pois é transparência.** (KIERKEGAARD, 2005, p. 403, grifo nosso)

Aqui, Kierkegaard, tal como Bergson, admoesta para duas maneiras de pensar. Dessas duas formas só uma é o modo de pensar filosófico e, por isso, é o único a ter transparência. Vamos tentar explorar isso, quer dizer, compreender qual forma de Kierkegaard fazer filosofia e, então, como o filósofo dinamarquês estabelece a exigência da especificidade do conhecimento filosófico. Essa passagem é extremamente significativa do ponto de vista filosófico porque mostra que Kierkegaard tem uma grande lucidez sobre as possibilidades do pensar. Todo pensar tem em si a pretensão de ofertar clareza, nitidez, certeza, transparência. Todo pensador busca isso.

Kierkegaard, como todo filósofo, alerta para que a transparência só acontece num pensar que pensa um único pensamento, jamais através do pensar de erudição.

Uma forma de pensar é determinada por uma atenção voltada ao exterior em busca de dominar o objeto que também é exterior. Esta forma de pensar não é o modo autêntico da filosofia. Nela o filosofar não acontece. Nesta forma o procedimento de fazer e ensinar filosofia aproxima-se do científico. É uma forma em que privilegia o exterior, o externo, o superficial, a extensão, a exatidão. Isso se mostra nas preferências ou prioridades elegidas para fazer e ensinar filosofia: manuais, estudos críticos, comentadores, contextualizações históricas. A escolha do problema de pesquisa em um filósofo é determinada não pela questão da filosofia, mas pela moda do momento do que os estudiosos estão pesquisando. Aqui, nesta forma exterior e extensa de pensar, é valorizado a quantificação: muito saber histórico, de línguas, muitas e inúmeras citações de estudiosos. O que é buscado não é a questão da filosofia nela mesma, mas a novidade, o interessante. Não obstante o testemunho da tradição, o espantoso é que esta forma é a mais praticada atualmente na filosofia, mais valorizada, mais esperada porque se convencionou ou se admitiu que tal forma de pensar a filosofia é a mais segura e que assegura o conhecimento da filosofia. Em Kierkegaard a filosofia não acontece nesta forma derivada de pensar. Mas para falar da forma mais correta de fazer e ensinar filosofia é preciso necessariamente que desvelemos a forma falsa que paradoxalmente ganha mais notoriedade. Heidegger no curso sobre *Introdução à filosofia*, de 1928-29, também traz esse fato da filosofia, a tentação que espreita todo estudioso da filosofia, a saber:

Onde quer que a filosofia se apresente, aí também aparece necessariamente a sofisticada. E isso não apenas no tempo de Platão, mas em qualquer tempo — hoje talvez mais do que nunca. Mais ainda: quando tudo se dá como se não houvesse aparentemente nenhuma sofisticada, então é aí que as coisas vão muito mal com a filosofia [...] Todavia, as coisas não são de um tal modo que de um lado tenhamos o filósofo e, de outro, o sofista; mas, como a filosofia é essencialmente uma possibilidade humana, isto é, uma possibilidade finita, por isso se esconde em cada filósofo um sofista. (HEIDEGGER, 2008b, p. 26)

Trazendo Heidegger para o diálogo podemos fazer a intervenção para destacar que este primeiro modo de pensar, em Kierkegaard, ou de conhecer uma coisa, em Bergson, é, nesse texto de Heidegger, o modo sofisticado, quer dizer, daquele que é filósofo apenas em aparência.

Kierkegaard sustenta, portanto, que a filosofia acontece apenas enquanto e como exercício do pensamento; fora disso é sofisticada, ou como Kierkegaard gosta de expressar, é “distração especulativa” (KIERKEGAARD, 2013, p. 152). A palavra “exercício” indica ou aponta para o movimento de esforço, zelo, empenho e desempenho no processo do filosofar, quer dizer, no ato de apropriar-se do pensamento. Esta forma de pensar é mais autêntica, verdadeira porque corresponde e está na mesma tonalidade afetiva da própria essência da filosofia. Por isso mesmo, como lemos acima, Kierkegaard afirma que “[...] só este último [esta forma de pensar, ao contrário da primeira, erudita!] é essencialmente pensar, pois é transparência (KIERKEGAARD, 2005, p. 403). Essa afirmação, essa compreensão da filosofia é espantosa quando vista na perspectiva do primeiro modo de pensar². Justamente porque neste primeiro modo de pensar caracterizado como erudição, calcado por muitas informações assemelhando-se ao modo científico jamais alcança o que se gaba de

² O que caracteriza a essência da filosofia não é só o pensar. Existe o modo de pensar erudito que sempre se apresenta como sendo o filosófico, embora falseando a filosofia. Existem outros modos de pensar como as ciências, artes etc. Logo, o ensinar a filosofia não é ensinar a pensar genericamente, mas na especificidade do pensar filosófico que é, em Kierkegaard, essencialmente pensar porque conduz à transparência. Ensinar filosofia também não é ensinar o pensamento crítico, o senso crítico pois a dimensão da criticidade é comum em todas as outras formas de pensamento. O que caracteriza o pensar filosófico e que precisa ser ensinado ao ensinar filosofia é pensar um único pensamento mediante o exercício da filosofia a partir do conteúdo da história da filosofia. Apropriando-se desse conteúdo para assegurar e garantir a autenticidade da comunicação do conhecimento filosófico é que se pode pensar no desafio da forma, da didática, das técnicas de transmissão da filosofia em seu ensino. Uma didática ou técnica como pura forma sem conteúdo é vazia por não cumprir o que pretende, a saber, comunicar um ensino que seja de fato filosofia. Portanto não é suficiente pensar na questão do ensino de filosofia, mas em pensar a *filosofia* do ensino de filosofia. Isso é mais difícil, mais trabalhoso, com menos êxito exterior do que a forma sem conteúdo, mas é o caminho que deve ser trilhado pelo professor e estudante de filosofia. Se predomina a didática da forma *sem conteúdo* em detrimento da didática da forma *a partir do conteúdo*, então o ensino só aparentemente é filosófico, quer dizer, uma culinária sofisticada que se sofisticada em agradar os ouvintes e aos delicados paladares, mas sem ter o gosto da verdade filosófica.

alcançar: a transparência. Aqui constatamos a sutileza do pensar filosófico de Kierkegaard. A transparência, clareza e nitidez, não se conquista pela erudição, pelo modo de pensar extenso. Vamos rever a passagem novamente para compreender e aprofundar o segundo modo de pensar que para Kierkegaard é a forma de sua filosofia porque de toda e qualquer filosofia.

Uma coisa é pensar de tal maneira que a atenção constantemente se volte apenas para o exterior em direção ao objeto, que é algo de externo; uma outra coisa é estar voltado de tal maneira para o pensar que, constantemente, a cada instante, se tome consciência de si, consciência de seu estado sob o pensamento ou do que se passa em si nesse exercício do pensamento. **Mas só este último é essencialmente pensar, pois é transparência.** (KIERKEGAARD, 2005, p. 403, grifo nosso)

Kierkegaard é categórico e muito claro em defender que só neste segundo modo de pensar é que o pensar “é essencialmente pensar, pois é transparência”. O critério para julgar esse pensar não é determinado pela erudição que um pensar demonstra, pelas muitas informações que cataloga, do firmamento de dados que enumera, das inúmeras citações de estudiosos que aparecem no texto. O crivo que estabelece a autenticidade de um pensar enquanto essencialmente um pensar é a transparência. Que é isto – a transparência? Inicialmente e, sobretudo, um pensar erudito não é essencialmente pensar e, portanto, na erudição não acontece a transparência. A transparência não acontece na extensão do saber, mas na *intensidade* do conhecer. Intensidade que se determina no entrar na coisa³ e, portanto, aquele

³ Esse “entrar na coisa” não é coisa de geografia ou física, mas é próprio da filosofia. “Entrar” não fala de um estar fora que precisa ser conduzido para dentro. O pensar extenso, próprio da erudição, é que pensa deste modo, quer dizer, para a erudição o indivíduo precisa receber as informações, a cultura geral, para que, por causa disso, possa entrar na filosofia. A filosofia, porém, tem um movimento mais essencial. O homem, todo e qualquer homem, já está *na* filosofia pelo simples fato de ser homem. “Entrar na coisa” significa o movimento do despertar uma tonalidade afetiva em que toma e afeta o homem de tal modo que provoca um despertar, um sair de um estado de inconsciência. “Entrar na coisa” significa, pois, pôr em movimento o filosofar, como dirá Heidegger, em *Introdução à filosofia*. Isso significa e implica num acordar e ter uma nova e mais aguçada percepção do mundo, de si-mesmo e do ser. É um abrir os

que pensa deve estar implicado no próprio pensar. Não é, pois, um pensar exterior, extenso, mas essencialmente pensar, quer dizer, um pensar que pensa o pensar é um pensar interior, exigindo e provocando interioridade, subjetividade.

Esse pensar “é outra coisa”, de outra natureza e índole, de uma estirpe estranha, paradoxal. É o pensar verdadeiramente filosófico que pode ganhar infinitas tonalidades de se manifestar (história da filosofia), mas o que sempre permanece é o modo de abordar a coisa e explicá-la (filosoficamente). Esse pensar fala da coisa a partir dela mesma, desde dentro do que essencialmente a caracteriza. Não faz como o pensar erudito que fala *muito* desde fora sem atingir o absoluto, a verdade do real, detendo-se na casca, no exterior, repetindo de cor o que outros disseram sem compreender de fato porque isso é dito. A direção, pois, do pensar verdadeiramente filosófico, em oposição ao modo erudito na filosofia, segue a direção do próprio pensar, da interioridade. Está de tal maneira voltado para o pensar que a cada momento do cotidiano e em cada ação cotidiana, desde a mais ínfima até a mais chamativa, seja jogando capoeira ou num congresso de filosofia, aquele que pensa está implicado no pensar. Isso significa que aquele que pensa estabelece, instaura uma relação interior com o pensar. Assim, aquele que pensa toma “consciência de si, **consciência de seu estado sob o pensamento** ou do que se passa em si nesse exercício do pensamento” (KIERKEGAARD, 2005, p. 403, grifo nosso). Filosofia, portanto, só acontece enquanto e como exercício do pensamento.

Filosofia como exercício do pensamento não acontece durante algumas horas nas quais um erudito vomita informações e o aluno almejando a erudição se esforça em anotar para saber. No restante das horas do dia esse saber, por não ser verdadeiro conhecer, não tem mais existência pelo fato do erudito não ter uma relação existencial com esse saber. Filosofia como exercício do pensamento, ao contrário, pro-move e pro-voca no ouvinte, no estudante o esforço, zelo, empenho e desempenho da “verdade da apropriação (*Tilgelnens Sandhed*)” (KIERKEGAARD, 2013, p. 27).

Filosofia como exercício do pensamento apresenta a filosofia como exercício e tarefa a ser cumprida, pensada e vivenciada.

olhos e dar-se conta da verdade do real que já estava aí, diante dos olhos e dos sentidos, mas que não podíamos ou não conseguíamos ver.

Não é acúmulo, somatório, absorção de informações. Mas é um entrar na coisa para sentir a pertinência do que os filósofos escreveram por estar afinado com a coisa mesma do pensar. Entramos na coisa mesma compreendendo-a na habilidade do exercício filosófico de leitura cavando a partir e por causa das frases e textos chegando em suas raízes e no solo que as sustentam, quer dizer, naquilo que possibilitou o surgir da frase e o engendrar do texto. É nessa dimensão pré-teorética enquanto tonalidade afetiva que se encontra a *arché* da filosofia, o *pathos* do filosofar. Com efeito, é necessário que o que pensa esteja constantemente voltado para o pensar, esteja ele mesmo enquanto pensador, implicado no que pensa. Nesse exercício do pensamento, enquanto filosofar, aquele que estuda ou ensina filosofia deve tomar “consciência de si, consciência de seu estado sob o pensamento ou **do que se passa em si nesse exercício do pensamento**” (KIERKEGAARD, 2005, p. 403, grifo nosso). Só nesse exercício do pensamento que a filosofia “[...] é essencialmente pensar, pois é transparência (KIERKEGAARD, 2005, p. 403). Essa transparência acontece quando o que pensa volta-se de tal modo para o pensar, não por algumas horas, mas que vive e compreende desde o pensar seguindo e per-seguindo a direção interior. Quando se estuda ou ensina filosofia enquanto e como exercício do pensamento é valorizado o filosofar e não os esquemas prontos, as definições sem o movimento reflexivo que as engendraram. Deste modo, a filosofia como experiência do pensamento libera a identidade, desvela o si-mesmo, a consciência para apropriar-se de si-mesmo. Com efeito, o estudioso da filosofia, professor ou estudante, encontra-se implicado no próprio pensar. Só assim ele toma “consciência de si, consciência de seu estado sob o pensamento ou do que se passa em si nesse exercício do pensamento” (KIERKEGAARD, 2005, p. 403). Em 1846, no *Pós-escrito*, um ano antes da publicação de *As obras do amor*, lemos essa exigência da filosofia e daquele que a pesquisa, designado por Kierkegaard de pensador subjetivo, quer dizer, daquele que exercita essencialmente o pensar:

Enquanto o pensamento objetivo é indiferente quanto ao sujeito que pensa e à sua existência, o pensador subjetivo está, como existente, essencialmente interessado em seu próprio pensamento, **está existindo nele. Por isso, seu pensamento tem outro tipo de reflexão** [só este

tem transparência!], ou seja, o da interioridade, da posse, pelo qual ele pertence ao sujeito e a ninguém mais. Enquanto o pensamento objetivo [erudito!] **investe tudo no resultado** e leva toda a humanidade a trapacear, copiando e repetindo de cor o resultado e a resposta, o pensamento subjetivo **investe tudo no devir e omite o resultado**, em parte porque ele, como existente, está continuamente no devir, como todo ser humano que não se deixou enganar para tornar-se objetivo, para se converter, de modo não humano, na especulação. (KIERKEGAARD, 2013, p. 76, grifo nosso)

Esse outro tipo de reflexão que caracteriza a filosofia como exercício do pensamento, na medida e exigência de ser essencialmente pensar, conduz o estudioso da filosofia, professor ou estudante, para fazer a experiência *sedutora* do pensar filosófico. Sedutora porque envolve um exercício de aproximação que desafia, excita, entusiasma justamente pela filosofia não ser dada (ela seduz, mas não vulgarmente!), mas que acena, convida, provoca a conquista e verdade da apropriação. O pensador subjetivo, aquele que tem transparência porque estabelece uma relação essencial com o pensar e, por isso, está implicado no que pensa “investe tudo no devir e omite o resultado”. O pensador subjetivo ao lecionar filosofia conduz o aluno a tornar-se estudante aprendendo a fazer filosofia. O aprendizado da filosofia é no devir. As respostas e esquemas não estão prontas mas devem ser apropriadas mediante a meditação das aulas e textos. O pensador subjetivo enquanto professor jamais dará as respostas como sendo meros resultados que devem ser memorizados e anotados. O pensador subjetivo em sendo professor jogará o aluno na dificuldade da filosofia e forçará, provocará através dos textos clássicos dos filósofos para que o aluno se torne estudante no processo de apropriação do que foi meditado. O pensador subjetivo não escamoteará essa dificuldade com facilitações que, livrando da dificuldade, não conduzem, porém, para entrar na filosofia. O pensador subjetivo tenta realizar em seu ensinar filosofia aquilo que é exigido no fazer filosofia confrontado com a tradição filosófica. O pensador subjetivo por conhecer que só assim é conquistada a transparência pro-move o movimento de crise no aluno e de entusiasmo do vir-a-ser estudante.

Para manter-se num bom ritmo, neste exercício do pensamento, com “entusiasmo rumo à coisa mesma”

(KIERKEGAARD, 2003, p. 34) é preciso saber o caminho, o percurso da filosofia. Não há outro caminho que conduza à filosofia a não ser o “pensar um único pensamento [At tænkeeenTanke]” (KIERKEGAARD, 2005, p. 403). *Esse pensar um único pensamento é justamente a transparência do pensar filosófico*. O caminho da erudição na filosofia não conquista a transparência precisamente porque recusa pensar um único pensamento. O erudito, ou sofista, enxerga nisso fraqueza, pobreza, limitação, procedimento muito aquém e contrário ao científico.

Heidegger, como todo grande filósofo, afinado com a essência da filosofia nos ensina a metodologia, ou o *fôlego*, de um curso de filosofia na universidade, quer dizer, como se estuda e ensina filosofia. Num seminário de 1941-42, *para iniciantes na filosofia*, intitulado *Exercício no pensamento filosófico* Heidegger ensina o procedimento do estudar filosofia:

Porém, **felizmente**, o elemento do pensamento, também no caso destas obras [por exemplo, Platão, Aristóteles, Leibniz, Kant], não radica em sua extensão. E poderia ser que, ainda quando destas obras só pensemos realmente *um único* pensamento, se acenda de súbito uma luz sobre o conjunto [...]. Aqui [num curso de filosofia e não de ciência] nos permitimos o “luxo” de não ter pressa. *Talvez* isso nem sequer seja luxo, mas necessidade: pois não queremos de modo algum seguir “adiante”, mas permanecer no “local” onde estamos. De que tipo e que lugar é este local? Esta é a questão. ***Talvez estejamos já neste local [o entrar na coisa?!], só que não o sabemos. Nossa tarefa é chamar a atenção sobre isso. Sem pressa: o mais formoso seria que ao largo de todo o semestre pudéssemos pensar tão só um único pensamento.*** (HEIDEGGER, 2011, p.17-21, tradução nossa, grifo nosso, itálico do autor)

Percebemos que a mesma exigência do fazer e ensinar filosofia de Kierkegaard, em 1847, de pensar um único pensamento, quer dizer, da filosofia como exercício do pensamento é retomado por Heidegger. Não importa o muito pensar, mas o deter-se num único pensar. O estudar e ensinar filosofia deve ser conduzido para isso, para o interior, e não na aparência do muito saber próprio da erudição. Estudar e ensinar filosofia é exercício de pensar o essencial, quer

dizer, de tornar-se atento para pensar um único pensamento. O professor de filosofia enquanto pensador subjetivo terá como tarefa apenas essa, a saber: “Nossa tarefa é chamar a atenção sobre isso”. Isso significa que uma aula de filosofia não é uma aula em que se fala de muitas coisas, ideias, mas uma aula em que é despertada a atenção para o pensar um único pensamento. Esse despertar, esse acenar é para que através do dito se veja o não-dito que sustenta o dito. Essa dimensão do não-dito é a verdade do real que Kierkegaard designa de tonalidade afetiva (*Stemninger*), Bergson intuição, Heidegger pré-teorético ou verdade do ser, por exemplo. Entrar nisso é o exercício do pensar um único pensamento. Para promover esse despertar é preciso que a aula seja permeada de silêncio e de pausas provocativas e não de respostas e soluções que não colocam o estudante numa *atitude* (ação!) filosófica. Uma leitura de filosofia ou uma aula de filosofia deve necessariamente chamar a atenção disso conduzindo o ouvinte ou estudante para dentro da coisa. Uma aula de filosofia ou mesmo o estudar filosofia solitariamente no silêncio da madrugada não se faz, não acontece apressadamente. A pressa pressupõe que aquele que pensa comunicar filosofia já está de antemão com os esquemas, com os vários estratagemas didáticos-pedagógicos que facilitarão o aprendizado do aluno. A filosofia assim compreendida é doutrina, ideologia, necessitando apenas de ferramentas para que possa fixar de maneira mais rápida e segura o tabelamento das informações. Isso é um cochilo, um desvio, uma gagueira. Então, nessa lógica erudita de fazer “filosofia”, não se compreende *anecessidade* da lentidão, da meditação de uma aula ou de uma obra de filosofia. A aula de filosofia deve seguir o ritmo de uma obra filosófica: assim como a escrita de um texto filosófico exige meditação, a leitura e a aula também.

Uma aula de filosofia deve ser essencialmente diferente daquilo que os filósofos da tradição comunicam? Claro que não! Uma aula de filosofia para ser de fato filosófica e não erudita deve estar afinada e dependente da exigência do conhecimento filosófico, o elemento do pensamento, desenvolvido nos textos clássicos da filosofia⁴. Os recursos didáticos-pedagógicos têm sua função e

⁴ Uma questão que nos instiga e interessa é mapear e estudar algumas obras de filósofos percorrendo a história da filosofia sobre o problema da introdução à filosofia, quer dizer, sobre o que os filósofos clássicos dizem sobre o conhecimento filosófico em sua especificidade para depois *partir disto* pensar a questão do ensinar filosofia. Tal estudo

importância na medida em que veiculam e comunicam o conhecimento filosófico⁵. Fora disto, quer dizer, destoando do conhecimento filosófico o que se busca com os recursos didáticos-pedagógicos seria apenas agradar os alunos com facilidades e dinâmicas que embora envolva carece completamente da filosofia. Neste modo falsificado, genérico, o aluno não entra no devir da filosofia e, por isso, jamais torna-se estudante de filosofia, mas apenas aluno de um curso.

Como todos os grandes pensadores Heidegger alerta e admoesta: “Sem pressa: o mais formoso seria que ao largo de todo o semestre pudéssemos pensar tão só um único pensamento”. Isso é estranho? Não para quem está na filosofia e se move dentro dela. A tradição filosófica é um testemunho disso! Para reforçar que este modo de fazer e ensinar filosofia é o único modo de todo filósofo, ganhando várias formas e estilo dentro da filosofia, citaremos Descartes em sua *Regras para a direção do espírito*, que pensa o que é pensado por todo pensador:

Nasci, confesso, com um espírito tal que o maior prazer dos estudos consistiu, para mim, **não em ouvir as razões dos outros, mas em exercitar-me a mim próprio na sua descoberta**; pois, **foi apenas isso que me atraiu** quando ainda jovem para o estudo das ciências, e sempre que o título de um livro me prometia uma nova descoberta, antes de continuar a ler, tentava saber, se por uma perspicácia inata, não poderia porventura chegar a semelhante resultado, e **evitava cuidadosamente destruir esse**

que em breve desenvolvermos deverá mostrar que o ensinar filosofia decorre, é dependente, do conhecimento do que os filósofos pensaram sobre a filosofia.

⁵ Poderíamos pensar que o método da comunicação indireta de Kierkegaard, sua maiêutica, é um recurso didático-pedagógico para comunicar a verdade existencial. O recurso literário-psicológico-filosófico dos pseudônimos cada um com sua personalidade, psicologia, lógica, estilo literário e filosófico próprio é um modo de interagir com o ouvinte-leitor e capturá-lo em um modo de existência levando-o a uma identificação e, assim, conduzindo a uma reavaliação crítica do próprio modo de sua existência, desvelando e apropriando-se da verdade que se mostra transparente para ele. Em Kierkegaard, portanto, a produção pseudônima não é um cochilo, uma mera dinâmica para agradar ou mimar o outro deixando-o, porém, na mesma situação existencial. A produção pseudônima, ao contrário, é um despertar, um chacoalhar o filosofar que está adormecido no homem narcotizado pelas ilusões da filosofia especulativa (acadêmica?!e) da cristandade.

prazer inocente por uma leitura apressada.
(DESCARTES, 1985, p. 57, Regra X, grifo nosso)

Quem foi possuído pelo espírito filosófico, da coisa ela mesma, não se agrada, nem é convencido em ficar o tempo todo ouvindo as razões dos outros, mesmo de comentadores e estudos críticos, sobre a filosofia, sobre este ou aquele filósofo. A sedução da e para a filosofia, seu *eros*, sua erótica, está em deixar o texto falar, o próprio filósofo que se estuda discursar e nos interpelar. A dificuldade que o estudioso, estudante ou professor, irá necessariamente se deparar é coisa sadia que fortalece o espírito. Malhar o espírito com o peso da dificuldade dos textos filosóficos coloca o aluno no devir, no tornar-se estudante de fato. A filosofia como erudição, ao contrário, não obstante toda exibição de seu *corpus* informativo de fato e em verdade tudo não passa de obesidade e flacidez intelectual que só impressiona quem também carece do sentido substancial, sadio e malhado da verdade, da filosofia. A filosofia como exercício do pensamento não é só saudável, mas esteticamente enriquece-nos com o conhecimento da verdade. A dificuldade não pode ser escamoteada com algum recurso didático-pedagógico por ser inerente ao objeto da filosofia. Eliminar a dificuldade, não se sentir desafiado por ela, não se deixar encantar e seduzir com a necessidade de compreendê-la é eliminar a possibilidade do filosofar acontecer em nós. Assim, matamos o filosofar e ficamos com as definições da filosofia como corpo sem alma, sem vitalidade, sem ânimo, sem movimento.

Retornemos a Kierkegaard para concluir a caracterização da filosofia como exercício de pensamento. Kierkegaard não aprova, como já acompanhamos, nem aceita a filosofia como erudição em virtude de seu procedimento *apressado* intensificando o exterior, o superficial. Escutemos o eremita de Copenhague que amava observar e conversar com o homem simples do povo fazendo, porém, sempre duras críticas aos docentes e pastores:

Um tal pensador [o erudito!] explica com seu pensamento uma outra coisa, e vejam, ele não compreende a si próprio; **ele talvez faça um uso muito penetrante de seus dons naturais aplicando-os às coisas exteriores, mas em direção ao interior, muito superficial**; e por isso todo o seu pensamento permanece **(por mais profundo que pareça)**, mesmo assim, no fundo, superficial. Mas

quando o objeto do pensamento de alguém é amplo no sentido exterior, **ou quando transformamos aquilo sobre o que pensamos num estudo erudito**, ou quando ainda pulamos de um objeto a outro, não descobrimos que estamos em uma situação muito duvidosa: **que toda clareza repousa sobre uma obscuridade, enquanto que só pode haver clareza verdadeira na transparência**. Em contrapartida, quando pensamos apenas um único pensamento, não temos então nenhum objeto exterior, e nos voltamos para o interior em auto-aprofundamento; neste caso, haveremos de fazer a descoberta com referência ao nosso próprio estado interior: e essa descoberta é primeiramente humilhante. (KIERKEGAARD, 2005, p. 403-404)

A transparência, portanto, só acontece quando o pensar dirigindo-se ao interior pensa um único pensamento fazendo da filosofia um exercício do pensamento. Quando o pensar dirige-se para o exterior, por mais profundo que alguém consiga intensificar essa exterioridade ou extensão de seus talentos eruditos, o resultado é que a clareza que se almeja com tais procedimentos repousa numa obscuridade. Isso não se pensa devidamente. No fundamento desse pensar decadente, não obstante fama e reconhecimento que possa vir a ter por causa de seus talentos, repousa uma obscuridade. No fundamento do pensar que essencialmente é pensar porque voltado para o interior, ao contrário, neste auto-aprofundamento, repousa, afirma Kierkegaard, a descoberta de nosso estado interior; essa descoberta é humilhante. Por que existe uma obscuridade no fundamento do pensar erudito e uma descoberta humilhante no pensar um único pensamento? A obscuridade é que pensar como erudição assenta-se numa incompreensão, num não compreender a si próprio. A clareza da erudição não tem transparência, logo essa clareza é obscura. A “filosofia” no modo de pensar erudito porque fundamenta-se na obscuridade, carece de transparência fazendo com que o pensador não se compreenda a si próprio. Assim, esta forma de fazer “filosofia” desencadeia a vaidade, o orgulho, a flacidez intelectual e espiritual. A clareza da erudição se dá na aparência de conhecer a coisa pelo muito saber que demonstra e exhibe. Mas todo esse saber não provém de um conhecer profundo de modo que o erudito nunca está implicado no que ele pensa:

Quando se observa, portanto, um pensador abstrato que não quer esclarecer e admitir para si mesmo qual a relação que seu pensamento abstrato tem com o fato de ele ser um existente, este produz uma impressão cômica, por mais notável que ele seja [...] tal pensador abstrato é um ser duplo, uma entidade fantástica que vive no puro ser da abstração, e é, às vezes, uma figura deplorável de professor que aquela entidade abstrata afasta de si, como se abandona um bastão. [...] o pensamento abstrato [...] sem ter compreendido ele a si mesmo, segue o estímulo de um talento ou se treina para ser algo semelhante. (KIERKEGAARD, 2016, p. 14-15)

Eis a obscuridade do pensar erudito “por mais notável que ele seja”, por mais clareza que aparente, ele não compreende a si mesmo. O erudito é um ser duplo. Ele tem uma duplicidade de não viver no que pensa e compreende e, assim, é um pensar que não compreende, apenas sabe informações. Mas o pensar que pensa um único pensamento, o pensar verdadeiramente filosófico, é caracterizado pela transparência. É um modo de pensar que constrange, compele a viver ou perseguir a verdade que foi desvelada. A transparência conquistada possibilita apropriar-se da possibilidade da verdade como sendo necessidade. O pensador subjetivo porque conquistou, apropriou-se da verdade está implicado no que pensa e compreende. Ele não é um ser duplo, mas indivíduo (*den Enkelte*), quer dizer, está no devir vivendo no que compreende. Toda essa busca é humilhante porque extenuante e exigente. Engendra humildade e sobriedade na existência. Na transparência da verdade de si-mesmo o homem enxerga com clareza a si mesmo e constata o Poder que o fundamenta⁶. Nesta experiência de desvelamento da verdade se dá conta de sua pobreza. Aqui sente a presença de Deus compreendendo a riqueza de ser nada, pobre para que só assim o Pobre se revele doando sua riqueza e presença. Isso gera humildade e responsabilidade em realizar em sua existência aquilo que precisa ser realizado.

⁶ A questão de Deus terá que ser desenvolvida em outro texto.

III

A passagem citada acima é do pseudônimo Johannes Climacus, do *Pós-escrito* de 1846. O pseudônimo Climacus é autor de uma obra inacabada de 1841-42 *Johannes Climacus ou De omnibus dubitandum est* [Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo], *Migalhas filosóficas* de 1844, e o volumoso *Pós-escrito às Migalhas filosóficas* de 1846. É interessante acenar para como Kierkegaard escreve sobre Climacus, quer dizer, como Climacus se torna filósofo e produz filosofia, a saber, *Migalhas filosóficas* e *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*. Aqui percebemos a preocupação em não aceitar ser objetivo, quer dizer, desenvolvendo um pensar erudito, especulativo. É no auto-aprofundamento do pensar um único pensamento levado a cabo pela produção pseudônima que experimentamos a “descoberta humilhante”, de nosso estado interior em relação ao pensamento, da dificuldade da verdade da apropriação (*Tilgelsesens Sandhed*). Este pensar um único pensamento é extenuante, mas só ele é autêntico. Nas obras assinadas por Kierkegaard, nos *Discursos edificantes*, acompanhamos como esta descoberta humilhante na autoabnegação encontra a presença de Deus⁷, e, portanto, coroa este autoaprofundamento, quer dizer, esse movimento interior de ir ao fundamento de si-mesmo encontrando o Poder que o fundamenta⁸.

Kierkegaard através do pseudônimo Johannes Climacus revela a dificuldade do filosofar, de fazer de fato filosofia. Aos vinte anos entra na universidade, mas esse acontecimento não provoca grande efeito. Chega a universidade com um bom conhecimento dos clássicos, gosta de relê-los de vez em quando “embora seu conteúdo não tratasse dos movimentos em seu interior” (KIERKEGAARD, 2003, p. 27). Topava com uma ou outra obra, mas essa leitura não estabelecia uma relação existencial com ele. Os escritos históricos não lhe interessavam e o motivo é eloquente para a questão do fazer e ensinar filosofia apontado neste artigo: “[...] permanecia indiferente ao que os outros diziam ou faziam que não estivesse relacionado com o

⁷ Essa questão, como acenada na nota anterior, exige um outro fôlego para desenvolvê-la. Acenamos apenas que a produção verônima, os *Discursos Edificantes* darão continuidade e radicalizarão essa questão.

⁸ Sobre esta questão veja o pseudônimo Anticlimacus, um cristão no mais alto grau, em *Doença para a morte e Exercício do cristianismo*.

pensar, permanecia igualmente indiferente a qualquer informação sobre o que haviam dito ou feito os homens que haviam vivido em outro tempo” (KIERKEGAARD, 2003, p. 28). Diante de uma obra filosófica recenõem a largava antes de terminar de ler “mas, depois da leitura, muitas vezes se sentia descontente e abatido. Toda a sua orientação espiritual fazia com que não se sentisse bem ao ler” (KIERKEGAARD, 2003, p. 28). Muitas vezes a compreensão que tinha de uma obra era muito diferente do que a maioria na universidade pensava. Por timidez e um senso sóbrio de humildade julgava que a culpa era dele e que deveria, portanto, ler outras obras para sanar a dificuldade. Com tais acontecimentos, quer dizer, experimentando decepções, frustrações, descontentamento, abatimento, Johannes Climacus se calava e lia cada vez menos. Ainda bem que Climacus não topou com a imposição de recursos didáticos-pedagógicos para “facilitar” e “amenizar” a dor de tornar-se estudante. Sentir esses acontecimentos tão naturais, sobretudo num iniciante na filosofia, e sem acolhê-los com sóbria humildade e esforço pessoal na superação da dificuldade para, covardemente ou ingenuamente, ir atrás de resumos, esquemas, sínteses, características de autores e escolas, vida e obra do filósofo estudado é negar a possibilidade do filosofar e, assim, nadificar a filosofia como possibilidade de se efetivar na existência. Climacus, por sua vez, ficava feliz ao saber dos grandes pensadores entre os filósofos modernos: “[...] ficava indescritivelmente **feliz quando ouvia que eram de compreensão difícil** e que seu estudo tomava meses e anos” (KIERKEGAARD, 2003, p. 30, grifo nosso). Quando decide a ler cada vez menos não o faz por preguiça ou covardia, mas para intensificar uma relação com o pensamento para gravar na alma e forjar como o metal que demorando-se no fogo quase funde-se com ele: “Assim, ele lia cada vez menos e seguia sua tendência de **ocupar-se silenciosamente com o pensamento**, e tornava-se cada vez mais tímido, com medo que os nobres pensadores rissem dele se souberem que **também queria pensar** [...] Ele se calava, mas escutava com tanto maior atenção” (KIERKEGAARD, 2003, p. 31, grifo nosso).

Por tudo que foi descrito da personalidade e da experiência de Climacus, como aluno e do processo do tornar-se estudante, esse calar é resultado, fruto de sua relação com o pensamento. Climacus quer pensar e não repetir o pensado como um “eco papagaiado” – como dirá mais tarde, já tendo se tornado filósofo, em 1846, no *Pós-*

escrito (KIERKEGAARD, 2013, p. 75). Daqui surge a sóbria humildade, a riqueza da pobreza. O silêncio que acolhe e gera a palavra. Se Climacus fosse um aluno mimado que não tivesse se acostumado a lidar com a dificuldade do tornar-se estudante, se não tivesse tido garra e tesão para estabelecer com o pensamento uma relação existencial, então, ou teria desistido, ou teria decaído num pensar erudito; justo ele que antes de entrar na Universidade já estava habituado a ler os clássicos. Teria se tornado uma figura deplorável pela vaidade e pouca profundidade ainda que possuidor de muitas informações. Seria daqueles alunos que antes de tentar compreender no silêncio e na reflexão já acha que sabe. Antes mesmo de terminar a primeira leitura já quer dar sua opinião como um *expert* porque já leu muitos comentários. Climacus, ao contrário, silencia para deixar madurar a coisa. Observa e escuta os professores e estudiosos. O que ele escuta que, finalmente, irá provocar um devir existencial em sua vida de estudante universitário? O que nesta escuta atenta, de discípulo ele descobre? Descobre a proposição tão venerada na filosofia moderna do *De omnibus dubitandum est* (É preciso duvidar de tudo):

Ei-lo, pois, diante da proposição que desempenharia um papel determinante em sua vida [...] **Esta proposição tornou-se uma tarefa para seu pensamento.** Se levaria muito ou pouco tempo para chegar ao fim, ele não o sabia. **Sabia, porém, que agora não renunciaria a ela, ainda que lhe custasse a vida. O vínculo que geralmente se estabelecia entre esta proposição e o acesso ao título de filósofo o entusiasmo muito mais ainda.** Não sabia se conseguiria, mas faria tudo para conseguir. **Em silêncio solene, decidiu que devia começar.** Ele se edificava lembrando-se de Dion que, ao embarcar com poucos soldados para iniciar a guerra com Dioniso, disse “a mim é suficiente ter participado desta expedição. Se tiver de morrer, sem nada ter feito no instante mesmo de colocar o pé em terra, ainda assim esta morte me parecerá feliz e honrada”. Johannes procurou, então, compreender a relação desta nova proposição com a filosofia. **Ocupar-se disso seria para ele um prelúdio animador e, quanto mais clareza conseguisse maior seria seu entusiasmo rumo à coisa mesma. Ele então se encerrou em si mesmo com esta fórmula filosófica,** observando minuciosamente a menor indicação que pudesse perceber. Se percebia

uma diferença entre o fluir de seu pensamento e o dos outros, gravava este último na memória, **recolhia-se em casa e recomeçava tudo**. Ele se surpreendia com o caráter sumário que, em geral caracterizava os argumentos deles; entretanto, via nisto apenas mais um mérito deles. (KIERKEGAARD, 2003, p. 34, grifo nosso)

Acontece um terremoto existencial, um verdadeiro abalo na vida de Johannes Climacus. Antes, no início de sua entrada na universidade, a ideia de tornar-se filósofo não o tinha seduzido, ainda estava indeciso e indiferente: “A ideia de querer tornar-se filósofo e consagrar-se inteiramente à especulação nunca lhe ocorrera” (KIERKEGAARD, 2003, p. 19). Mas agora “o acesso ao título de filósofo o entusiasma muito mais ainda”. A proposição *De omnibus dubitandum est*, “tornou-se uma tarefa para seu pensamento”. Não tinha pressa de acabar o curso, de terminar a faculdade, de conseguir chegar ao fim almejado. O êxito de apropriação da proposição não estava em seu poder determinar quando e como, mas apenas que conseguiria cedo ou tarde. Tinha clareza de que conseguiria. *Agora e só agora a filosofia tornou-se tarefa, seu próprio*. Ele se reconhece nessa busca, nesse exercício do pensamento. Nessa perseguição da busca do que o busca, sendo tomado e afetado por esta tonalidade afetiva (*Stemninger; Stimmung*), por esse *pathos* do filosofar que nenhum conhecimento histórico, de cultura geral ou erudito foi capaz de despertar, agora, porém, *a filosofia era questão de vida e morte*. Interessante ele fazer analogia com a guerra, com a alegria de poder participar, de estar vigilante para aquilo que o destino se destina, mesmo que não logre êxito, não tenha sucesso. A felicidade encontra-se justamente em poder corresponder ao que a transcendência mostrou. A filosofia, agora, para Climacus, torna-se uma possibilidade de existência, da existência se configurar. Climacus a partir de agora irá qualificar sua existência e à medida que ocupar-se com a filosofia nesta mesma medida vai ganhando mais clareza. Como um eremita encontrando seu eremitério, Climacus encontrou o seu caminho, o seu lugar: “Ele então se encerrou em si mesmo com esta fórmula filosófica, observando minuciosamente a menor indicação que pudesse perceber”.

Mas mesmo com essa decisão e com ter encontrado o seu lugar as dificuldades não desaparecem de todo. Ganham outras

tonalidades e adquirem outras sutilezas. É na dor de lidar com elas que ele vai forjando seu caráter filosófico e ganhando clareza na formulação e compreensão da coisa mesma. Em breve ele descobrirá novas frustrações, descontentamentos e abatimento. Na radicalidade do exercício do estabelecer uma relação com o pensar Climacus irá se dar conta da falta de radicalidade com que os filósofos têm com a proposição. Na segunda aula o professor já não mais duvida. A proposição transforma-se num pensamento erudito.

Climacus, porém, sente o peso, a dificuldade do filosofar. Toda aula de filosofia, ou muitas delas no decorrer de um curso de filosofia devem necessariamente fazer sentir isso, quer dizer, não escamotear a dificuldade da própria filosofia. Se toda aula de filosofia só comunica certezas, seguranças é de desconfiar se o que se ensina é filosofia. Durante um curso de filosofia, muitas aulas devem deixar os estudantes temendo despertar para a filosofia, tal como Descartes, ao fim da Primeira Meditação:

Mas esse propósito é laborioso e uma certa desídia devolve-me àvida de costume. E, não diferentemente do prisioneiro que, desfrutando talvezem sonho de uma liberdade imaginária, quando começa em seguida a desconfiar de que está dormindo, teme despertar e, por prudência, passa a ser conivente com as doces ilusões, afim de que o logrempormais tempo, assim tambémeu volto a recair espontaneamente em minhas inveteradas opiniões, receio acordar de medo que a vigília laboriosa, que venha a suceder o sossegadorepouso, não transcorra de agora em diante, não sob alguma luz, no conhecimento da verdade, **mas em meio às inextricáveis trevas das dificuldades que acabam de ser suscitadas.** (DESCARTES, 2004, p. 33, grifo nosso)

Mas Descartes, assim como Climacus, persevera na busca do que o busca, e, assim, mesmo sentindo a dificuldade do filosofar não renuncia a isso, não desiste. Também não recorre a estratégias ou brincadeiras para poder disfarçar ou negar a dificuldade tornando-se insensível para ela. Apesar da dificuldade, própria do conhecimento filosófico, e, por isso mesmo, por causa dela, Descartes na Segunda Meditação, na segunda aula, assim tem a coragem e brio de começar:

Em tantas dúvidas [ele não busca a certeza?!] fui lançado pela meditação [aula!] de ontem que já não sou capaz de as esquecer, nem vejo todavia o modo de as resolver [!!!]. **E, como se de repente houvesse caído em um poço profundo, minha perturbação é tal que nem posso firmar o pé no fundo, nem vir à tona. Esforçar-me-ei, contudo, para retornar ao caminho onde ontem ingressei, a saber, fazendo a remoção de tudo o que comporte a mais mínima dúvida, como se o descobrisse de todo falso. E prosseguirei até conhecer algo certo ou, na falta de outra coisa, que pelo menos reconheça como certo que nada há que seja certo.** (DESCARTES, 2004, p. 41-43, grifo nosso)

Ora, a aula de filosofia quando autêntica deve conduzir para essa experiência do “cair em poço profundo” provocando uma perturbação “que nem posso firmar o pé no fundo, nem vir à tona. Esforçar-me-ei, contudo, para retornar ao caminho onde ingressei [...]”. Isso porque a meditação filosófica de um texto clássico da filosofia percorre o percurso da apropriação da verdade. O texto, os conceitos estão a serviço de explicar a verdade do real. A verdade do real é de uma dimensão pré-teorética, é uma tonalidade afetiva, não é teórica⁹. Portanto o esforço não é fazer de uma aula de filosofia o transmitir informações, respostas prontas, teorias. Mas aprender no exercício da leitura filosófica de um texto filosófico como determinado filósofo na tentativa de explicar a verdade do real conseguiu conceituar. É preciso intensificar o conhecer mediante o despertar de uma tonalidade afetiva que corresponda à verdade do

⁹ Por essa razão que outros modos de pensamento como poesia, literatura, pintura, por exemplo, tratam da mesma questão mas cada qual com sua linguagem específica. O fazer filosofia deve necessariamente estar atento para essa questão originária da realidade, a saber, a verdade do real, mas em virtude da linguagem filosófica é imprescindível que o estudo e ensino da filosofia assegure o domínio dessa linguagem específica da filosofia. Poesia, literatura, pintura, filosofia capturam a verdade do real de acordo com suas linguagens específicas. Ora, é precisamente dessa dimensão pré-teorética, dessa tonalidade afetiva que afeta o poeta, o literato, o pintor, o filósofo possibilitando cada um dar um corpo teórico, conceitual, cores a essa intuição que o afetou provocando transcendência. O poeta, o literato, o pintor, o filósofo enquanto modos de existência como possibilidades de ser para capturar a verdade do real é a transcendência do homem. Aqui temos um ponto de interseção, de identidade e diferença. O equívoco é não ver isto, ou querer anular a diferença dessas linguagens misturando-as confusamente. Mas a verdade do real, originária, é a mesma!

real. Promover mediante o questionamento, o perguntar e, sobretudo, ensinar a acompanhar a colocação da questão mais do que querer dar respostas possibilita o filosofar em nós e no estudante. Mas a aula de filosofia no modo erudito é justamente procurar evitar tudo isso. As informações são o chão, o solo que dão segurança e certeza e, portanto, não despertam perturbação, inquietação no aluno. E, assim, a erudição elimina a possibilidade do filosofar, do esforço, do exercício.

Climacus, assim como Descartes, também persevera na dificuldade e prossegue o movimento do filosofar sem recorrer a “facilitações” didático-pedagógicas que mais desvia do que envia para a destinação do que se destina no filosofar. Ele começa a indagar “[...] a respeito da relação entre o indivíduo e a proposição em questão” (KIERKEGAARD, 2003, p. 68). Ele vai encontrar um começo seguro, a *arquê* e o *pathos* do filosofar, quer dizer, do movimento do tornar-se filósofo: “O começo subjetivo, ao contrário [dos começos absolutos e objetivo da filosofia], era aquele pelo qual o indivíduo que não era filósofo começava a tornar-se filósofo” (KIERKEGAARD, 2003, p. 74). Mas aqui apesar de uma conquista no filosofar também apresenta suas dificuldades. A consciência realiza esta ação do começo subjetivo. Ensina a Climacus que isso eleva o espírito até o pensar, mas com o saber disso, ironiza Climacus, a consciência ainda não foi elevada. Falta algo. A explicação carece de explicar a dificuldade da existência. No perseverar colocando em movimento o filosofar Climacus vai ganhando cada vez mais clareza e intensidade rumo à coisa mesma. O começo subjetivo transformar-se-á no problema que a filosofia moderna não pensa, a saber, nas *determinações intermediárias* da existência: angústia, tédio, melancolia, desespero, possibilidade de poder, instante, repetição, temporalidade etc. Em 1844, Climacus, já mais maduro filosoficamente, escreverá *Migalhas filosóficas* e em 1846 o volumoso *Pós-escrito às Migalhas filosóficas* demonstrando que conseguiu tornar-se filósofo enfrentando as dificuldades da existência e da luta e labuta com os textos de filosofia. É apenas no con-tato direto com a vida real e com os textos clássicos da filosofia, dos grandes pensadores, lendo o que eles escreveram, procurando ver no escrito o não escrito que, porém, sustenta o sentido do que foi escrito. Adquirindo, pois, a habilidade de pensar e de ler filosoficamente, pela prática direta e constante dos textos dos filósofos, com olhar de ultrassom para ver frases-grávidas que solicitam o partear inter-pretativo, é possibilitado a possibilidade de

filosofar ao estudante. E, assim, em meio às dores da concepção, do conceito, é engendrado, através do exercício do pensamento, com corpo excitado, lágrimas nos olhos, fogo no coração e sorriso na alma, a filosofia.

Ai, o tempo dos pensadores parece já ter passado! A paciência calma, a lentidão humilde e obediente, a renúncia magnânima ao efeito instantâneo, a distância que separa o infinito do instante, o amor devotado a seu Deus e que é indispensável para pensar um único pensamento: tudo isso parece em vias de extinção, estão quase se tornando uma coisa ridícula para os homens. (KIERKEGAARD, 2005, p. 411)

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. Introdução à metafísica. In: **O pensamento e o movente**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. **Mediações sobre filosofia primeira**. Tradução de Fausto Castilho. Edição em latim e em português. São Paulo: Editora UNICAMP, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. In: **Marcas do caminho**. Tradução de Enio Paulo Giachini, e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008a.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Ejercitación en el pensamiento filosófico: Ejercicios en el semestre de invierno de 1941-1942**. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2011.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. 1ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas**: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol. I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

_____. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas**: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol. II. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

_____. **Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo**. Tradução de Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls. Prefácios e notas de Jacques Lafarge. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludiwig. **Tractatus logico-philosophicus**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.